

## CARTAS E DEDICATÓRIAS DE MÁRIO DE ANDRADE

*Yone Soares de Lima\**

Pouco a pouco vão se tornando conhecidas – o que é muito enriquecedor – as cartas enviadas por Mário de Andrade a intelectuais e amigos que o procuravam de alguma forma, de vários cantos do país. São cartas que não só traduzem a maneira como via ou sentia as coisas da cultura e os homens mas guardam como que um pouco (ou muito) de si mesmo; transmitindo conhecimento, conselhos, análise, crítica e aplausos, esta correspondência certamente satisfazia ao destinatário e a nós agora, herdeiros deste “acervo”.

O fato de reproduzirmos aqui este conjunto de cartas tem sua razão de ser e encerra uma pequena e curiosa história. Na verdade nasceu de uma sugestão dada por José Bento Ferraz ao saber que estávamos com viagem marcada para Porto Alegre. Zé Bento, como gosta de ser chamado, foi aluno de Mário de Andrade no Conservatório Musical, pelos idos de 1934, 35 – época em que foi convidado pelo professor para assumir as funções de bibliotecário e de secretário particular, em substituição à irmã Maria de Lourdes. Lembra Zé Bento: “foi enquanto jantava no Restaurante Carlinhos (logo acima do Conservatório) e o convite não só deixou-me envaidecido como tirava-me de uma difícil situação financeira”. Amigo e colaborador de Mário de Andrade “até sua morte em 1945”, sugeriu que procurássemos o professor Dante de Laytano na capital gaúcha e dele indagássemos sobre a correspondência que certamente trocara com Mário.

Dante de Laytano é uma figura por demais conhecida e respeitada na cultura e no ensino do sul do país. Extremamente comunicativo, cordial e bonachão – já passando pelos oitenta anos –, continua em plena atividade intelectual. Nosso contato deveras oportuno ateu-se ao telefone (estava de

---

(\*) Professora Assistente do IEB (área de Artes).

partida para o litoral), o que no primeiro momento lamentamos por ser de uma forma efêmera, mas que acabou por se transformar num precioso depoimento. Eufórico por recordar uma época que lhe é grata, o professor Dante de Laytano, entre outras coisas, fez questão em narrar-nos de como conheceu Mário: vindo a São Paulo, procurou logo visitar o escritor paulista e crítico literário do modernismo; no bonde simploriamente perguntou ao motorneiro: “o senhor sabe onde mora Mário de Andrade?” E com o mesmo espírito respondeu-lhe o condutor: “não sei onde fica a casa mas a rua é a Lopes Chaves” – e deixou-o na esquina com a recomendação de que deveria caminhar alguns quarteirões. “Valeu a pena!” confessou-nos o professor Dante e, de imediato, com indifarsável prazer passou a indagar sobre tudo o que chegara a ver e conhecer – quadros, livros e objetos –, hoje no acervo do Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo.

Afinal, quanto às cartas, objeto de nossa entrevista, o professor Dante de Laytano foi pronto na resposta: “infelizmente os originais já não os possuo há muito tempo, mas cheguei a publicar o conjunto de cartas de Mário na Revista *Província de São Pedro*, lá pelos anos quarenta”.<sup>1</sup> São estas as cartas aqui reproduzidas, com ortografia normatizada.

\* \* \*

## A MOYSÉS VELLINHO

S. Paulo, 18-III-44  
Moisés Vellinho

Não estou lhe escrevendo nem atrasado nem pela obrigação de agradecer o envio das suas *Letras da Província*. É que não há pressa de espécie alguma. É que o seu livro não é desses que a gente “devora” mas dos que a gente saboreia. É principalmente que o seu livro não é desses que a gente lê uma vez só, do princípio ao fim, mas dos que se relê e o melhor não é reler “em seguida”, mas ao léu dos dedos inventivos, ora um parágrafo da página 20, ora três parágrafos da página 120 que despertam a necessidade de ler o parágrafo anterior da página 119 e depois 118 e depois 12. O seu estilo é simplesmente admirável. E quando eu falo “estilo” quero entender mais que a linguagem esplêndida que V. já alcançou, mas especialmente o ajuste dessa linguagem às idéias que a motivam. Já vinha seguindo os seus escritos raros pelo *Diário de São Paulo* e sempre com a mesma delícia e proveito, mesmo quando na discordância deste ou daquele juízo. As *Letras da Província* me confirmaram no escritor raro e necessário para nós, neste país de cultura pouco firme e espíritos pouco organizados, como um modelo, como um

---

(1) No momento em que, por anuência do Prof. Dante, levantávamos a correspondência na *Província de São Pedro* (Porto Alegre, Livraria do Globo, (4):95-101, mar. 1946), o IEB recebia como doação do Prof. Valmor da Rosa Romero esta mesma matéria em cópias xerográficas.

exemplo a seguir. Acredite que é com verdadeiro calor de espírito e de amizade pelo que V. é e o seu livro representa, que lhe envio a minha admiração mais cordial.

MÁRIO DE ANDRADE.

### A CARLOS DANTE DE MORAES

Mário de Andrade, ao oferecer a Carlos Dante de Moraes, em dezembro de 1931, seu livro *Remate de Males*, deixa esta longa dedicatória:

“Carlos Dante de Moraes, muito obrigado pelas suas *Viagens Interiores* que já li. Gostei especialmente do ensaio sobre Augusto Meyer, não só porque põe em relevo um dos poetas de maior valor do Brasil vivo, como pela verdade das observações. Por mim, apenas acusaria mais a significação dos *Poemas de Bilú* e a sua extraordinária originalidade lírica entre nós. Também a liberdade profunda com que v. não se empobrece aceitando certas explicações críticas tradicionais tão exteriores como aquela de dizerem que os poetas lusos não se universalizam por causa da língua – me encantou. Lhe mando em troca este meu livro.

Muito cordialmente – MÁRIO DE ANDRADE.

São Paulo, XII-31.”

### A ÊNIO DE FREITAS E CASTRO

S. Paulo, 20-VI-1938.

Meu caro prof. Ênio de Freitas e Castro.

Respondo-lhe só hoje a uma sua carta datada de março passado. Desculpe o atraso devido primeiro a uma estadia longa no Rio e depois às grandes mudanças políticas aqui no meu Estado.

Seria realmente muito interessante um intercâmbio entre S. Paulo e a Associação Rio-grandense de Música. Infelizmente não sou mais diretor do Dep. de Cultura e nada mais lhe posso garantir. Principalmente o Coral Paulistano, seria de grande interesse que se apresentasse no Sul, para propaganda do canto coral polifônico. No Rio ele obteve grande sucesso e o merece realmente. Quando recebi sua carta imaginei logo conseguir facilidades financeiras com o prefeito, e as obteria certamente. Mas mudou o prefeito e não sou mais o diretor do Dep. Caso a Associação queira propor qualquer coisa, deverá se dirigir ao novo diretor, o dr. Francisco Pati. Talvez o novo prefeito se decida a fazer o que Fábio Prado faria certamente.

Os *Anais* do Congresso ficaram prontos finalmente. A distribuição é que está se fazendo muito lenta, por falta de verba apropriada e peso do volume (perto de 2 quilos). Mas os volumes do Rio Grande do Sul já estão designados e espero que o seu lhe chegue às mãos muito breve.

Muito cordialmente, MÁRIO DE ANDRADE.

## A DANTE DE LAYTANO

São Paulo, 17 – VII – 34.

Dante de Laytano.

Só agora, chegando de viagem, posso acusar o recebimento do seu livro *Colecionadores de Emoções* e lhe agradecer a gentileza da oferta.

Li a obra com crescente interesse, em especial a parte que trata de artistas gaúchos, porque sempre foi uma das minhas maiores curiosidades cotejar a minha opinião sobre artistas de outras regiões do Brasil, com a dos intelectuais dessas regiões. Há por vezes inesperados desencontros. E mesmo por isso lamentei que no seu livro não aparecessem mais artistas ainda, um Augusto Meyer, por exemplo, que na minha opinião está entre os maiores poetas que o Brasil possui atualmente.

Mas outras compensações tive, porque a maioria dos poetas lembrados nas páginas do seu livro eu já os estimava, e alguns poucos, ainda não lidos, fiquei com desejo de os ler. Ora não será esse talvez o mais bonito destino da crítica? Sim, será possível notar nos seus escritos talvez uma certa pausa de objetividade, que sempre é compensada no entanto pelo entusiasmo, pela força viril de amor com que você nos descreve os seus poetas, os revela e os aproxima da gente. E eu, insisto em que toda e qualquer crítica deve ser isso, ser principalmente isso: um ato de amor.

Muito obrigado pois pelo seu livro, em que você não apenas colecionou emoções como um colecionador avaro que guarda suas colheitas no escondido, mas desperta na gente a vontade de possuir as mesmas.

Muito cordialmente – *MÁRIO DE ANDRADE.*

São Paulo, 31 – VIII – 36

Meu caro Dante de Laytano

Lhe escrevo às pressas para lhe agradecer o interessantíssimo *Os africanismos do dialeto gaúcho* que aproveitei o domingo de ontem pra ler. O livro está excelente e põe o assunto em sistematização e em dia. Você seria capaz de me mandar informação bibliográfica mais detalhada sobre o *Vocabulário Sul-riograndense* de Luiz Carlos de Moraes? Qual a Livraria que o editou? Quando? Preciso desse livro e como o meu comprador de livros aqui sem pormenores não se esforça muito, quero dar pra ele indicações mais vastas. E mais um esclarecimento. Fiquei na dúvida sobre a pronúncia da palavra fúfia, é fúfia ou fuffa? Finalmente desejava lhe propor uma coisa. No ano que vem, realizarei provavelmente aqui no Departamento de Cultura, que dirijo, um Congresso de Dicção Cantada Nacional. Se trata de reunir filólogos, especialmente foneticistas, professores de canto, cantores e musicólogos pra ver se se consegue estabelecer pelo menos algumas bases firmes e normas sobre o processo de entoar os fonemas da língua nacional. Basta seguir uns dez discos de cantores diferentes, brasileiros, para ver que nenhum não tem regra e a barafunda é pavorosa. Você não quererá mandar um

ensaio sobre a pronúncia falada dos gaúchos? E se conhecer algum músico ou filólogo daí capaz de se interessar pela coisa e escrever alguma comunicação, pode fazer o convite por mim.

Mais uma vez muito obrigado pelo livro. Com um abraço, do **MÁRIO DE ANDRADE**.

São Paulo, 23 – X – 36  
Meu caro Dante.

Gostei muito de receber e de ler a sua *História da República Rio-grandense*. Não só esteticamente me interessou a maneira com que você concebeu o livro, o dividiu e realizou. Mas o livro também me fez muito bem num momento em que estava meio descorajado com uma luta feroz por coisas de orçamento municipal. Que briga mesquinha pra se conseguir que entendam um bocado o que é cultura e o que ela custa!... Não rende muitos votos talvez, nem faz a oposição fazer figura... O seu livro, contando energias tamanhas, me retemperou. Um abraço por tudo, do **MÁRIO DE ANDRADE**.

São Paulo, – IV – 37.  
Meu caro Dante de Laytano.

A sua carta, a promessa de sua colaboração e das demais colaborações gaúchas me encheram de alegria. A coisa vai de vento em poupa e creio que teremos um Congresso. O Antenor Nascentes, o Souza Silveira, o Renato Mendonça, o que quer dizer o maior foneticista nacional, o maior filólogo e uma das figuras mais notáveis da lingüística nacional. Conto na certa com colaborações de fonética regional do R. Grande do Sul, Paraná, São Paulo, Rio, Alagoas, Bahia, Pernambuco, Paraíba, R. G. do Norte, Ceará e Pará. Minas, Maranhão, Goiás e Mato Grosso estão sendo trabalhados e provavelmente comparecerão. Os outros ainda não sei. Também virão na certa o Instituto Nacional de Música, o gaúcho Murilo de Carvalho, talvez nosso melhor professor de canto, os melhores críticos musicais do Rio, cantores, compositores dos mais notáveis. São por várias dezenas as comunicações garantidas. Eu trabalhando como um danado no anteprojeto da dicção cantada. As músicas dos concertos já estão em pleno ensaio. Bach já está pronto, brasileiroinho, cantado com pronúncia bem nossa. E não perdeu nada! Estou exultando de alegria. Já sube até que o Ministro da Educação, percebendo a importância da coisa, esteve querendo encampar o Congresso e levá-lo pro Rio... Bom prenúncio.

E mais não posso lhe escrever que mandar o abraço mais verdadeiro do **MÁRIO DE ANDRADE**.

São Paulo, 16 – VIII – 37.

Desculpe tudo, mas apenas acabou o Congresso, caí no estudo dos orçamentos pra 1938. Entreguei-os anteontem, sabádo, e amanhã parto pro Rio, pra estudar com Antenor Nascentes (Filologia) e mais Heitor Correia de Azevedo (pela Musicologia), a redação definitiva das normas cantadas da língua-padrão. Imagine como estou de trabalho!

O Congresso foi uma maravilha e na lingüística brilharam só cearenses e gaúchos. As contribuições de vocês foram ótimas. Sairão nos Anais, publicados ainda este ano. Ainda não sei se poderei dar separatas. Depende do que a Câmara Municipal me der de verba pro ano que vem (os anais serão pagos por essa verba).

Vai junto o estudo do Serrano e cópia do parecer Renato de Mendonça. Breve seguirão pra vocês os diplomas do Congresso. Desculpe a pressa e não se inquiete com seu trabalho que é muito bom. Abraços, do *MÁRIO DE ANDRADE*.

Rio, 15 – VII – 40.

Meu caro Dante de Laytano.

Recebi o convite pra enviar alguma tese ao III Congresso Sul-Riograndense de História e Geografia. Deve haver dedo seu muito amigo nesse convite, e por isso muito obrigado. Fiz um esforço pra colaborar, mas meus assuntos fogem muito, creio, dos assuntos propostos. Em todo caso, como além da parte "Avulsas" o Congresso aceita teses gerais sobre "Etnografia", lhe pergunto se aceitaria uma de folclore luso-brasileiro? Tenho um assunto bem estudado e que levo bastante além do que se conhece até hoje sobre ele: o caso do romance ibérico da Nau Catarineta, usado no bailado popular da "chegança dos marujos" no Brasil. É ponto importante do folclore luso-brasileiro, e cujo problema avanço muito. Se acha que serve, me avise imediatamente, pra que eu tenha tempo de redigir a tese. Mas seja inteiramente sincero e não se emole (*sic*) por mim. Se a tese não servir, avise com franqueza que não me zango por isso. No caso de servir, a carta junto indica minha adesão.

Com um abraço muito amigo do *MÁRIO DE ANDRADE*

#### A PAULO CORREA LOPES

Oferecendo a Paulo Correa Lopes um exemplar da conferência "O movimento modernista", Mário de Andrade escreveu estas palavras:

"A Paulo Correa Lopes, pela força elevada e nobre do seu *Canto de Libertação*, com a simpatia amiga de *MÁRIO DE ANDRADE*."

S. Paulo, 19 – X – 38.

Meu caro Athos Damasceno Ferreira.

Estou de chegada a S. Paulo e já de partida e encontro o seu *Moleque*. Muitíssimo obrigado. Terminarei certamente o livro no avião de amanhã, e como terei muito serviço no Rio, já lhe escrevo, pois a vivacidade dos primeiros capítulos permite imaginar o que virá depois.

Com um abraço, do *MÁRIO DE ANDRADE*.

### A ASCÂNIO LOPES

S. Paulo, 21 – 1 – 28

Ascânio Lopes

eu ando escrevendo em papel de jornal porque faz tempo o meu se acabou. Enfim como é legível da mesma forma vocês vão me aguentando.

A carta que você me mandou está positivamente excelente como visão crítica. Não só de mim como de você também, coisa que me parece mais difícil. Acho que você deve escrever críticas pra *Verde*. A que você fez sobre Paulo Prado é uma das únicas coisas legíveis da prosa de *Verde*. E o próprio Paulo Prado estando aqui me falou que gostou muito. Mas a carta inda me parece muito melhor, como estilo e como fundo. Quanto ao trecho pesquisa Pedro Álvares Cabral não gostei. Muita pesquisa pra um lado já achado e abandonado pelo Osvaldo. Interessa pouco em estilo. Porque não tem possibilidades de desenvolvimento. Não é fecundo. É uma prosa direta e exclusivamente inventada com processos muito aparentes e estereotipáveis. Sucede que se outro indivíduo faz daquilo logo a gente assina e se o mesmo inventor faz, logo a gente percebe que ele está se repetindo a si mesmo. O próprio Osvaldo já abandonou aquilo. São as tais invenções desumanas que por desumanas não podem ir pra diante. Se lembre de Mallarmé.

Quanto à poesia de você evocar Ribeiro Couto isso é diferente. Evoca mesmo mas não se poderá dizer que o caminho é infecundo. Você é moço e está principiando. Aos poucos com a particularização da personalidade enriquecida em vida em pensamento e em força pessoal de expressão essa concordância visível atual irá se tornando apenas mediata de imediata que é hoje e você fica bem Ascânio Lopes. E Ascânio Lopes é minha impressão que merece de aparecer e ser conhecido pelos homens. Aliás creio que já falei pra você, essas imitações ou simples concordâncias um indivíduo principiando não me enquizilam absolutamente. São legítimas e até imprescindíveis. É uma espécie de escolha de profissão: um segue advocacia outro medicina, um será dos intimistas e outro dos objetivistas etc. E muito fina a observação de você sobre a minha maneira de compreender Ribeiro Couto. Está em linha geral certa. Falo em linha geral porque sem a mínima pretensão: hoje estou em condições de compreender todos os homens até os ruins. O que não impede que continuem ruins os ruins e eu considere eles assim: RUINS. Ribe-

ro Couto é dos batutas e aliás a poesia dele além de compreendida por mim me comove deveras. Já não digo o mesmo dos contos que me irritam pelo passadismo de técnica (não há ausência de técnica, note bem) e pelo ar de conversa, pouco obra-de-arte que eles têm. Me parece que vem d'af a pouca força da universalização que eles têm. É um caso contado, bem contado, mas que a gente esquece no dia seguinte ou na mesma noite. Mas você tem razão: mesmo os contos dele eu consigo compreender até como orientação, por inteligência, quero dizer, recrio intelectualmente o que levou Ribeiro Couto a escrever assim. E que hoje, Ascânio Lopes, muito mais que as obras-de-arte, são os homens que me interessam. D'af uma certa impossibilidade curiosa em que estou atualmente em considerar os defeitos dos artistas como defeitos. Mais que defeitos eles me parecem *caracteres*, da mesma forma que as qualidades, eles caracterizam o artista. Estou convencido que tem defeitos que o artista em vez de corrigir deve acentuar. Porque acentuam o artista também.

Bom, ciao. Estou picego hoje com um terçol dos demônios me doendo muito. Me escreva sempre e lembre este abraço sincero do

MÁRIO DE ANDRADE.

#### A DYONÉLIO MACHADO

S. Paulo, 18 - X - 44

Dyonélio Machado

Recebi e acabo de reler os seus *Ratos*, muito obrigado por ter se lembrado de mim. Foi uma re-leitura curiosa esta... O livro não se sustenta apenas, se afirma. Relendo assim com a memória já muito vaga da primeira leitura, a gente percebe, eu pelo menos percebi que guardava o seu livro intensamente não sei em que escaninho da lembrança lá, mas inteiro. Me vinham frases, me vinham observações que eu sabia você tinha escrito logo depois. Mais: me vinham observações, traços psicológicos, dados descritivos que eu poria se fosse eu a escrever o livro. Mas era tudo plágio: a observação, o traço estava ali, na batata, era seu, - desses versos que a gente difere tanto e integra de tal maneira, que um dia acabam saindo na nossa poesia, nosso, espontâneo, verdadeiro.

Mas o que foi mais curioso na re-leitura, foi a quase obsessão com que durante quase todo o tempo de ler eu "traí" *Os Ratos* com *O Louco do Cati*. Preciso aliás reler *O Louco do Cati*... Que impressão estragosamente profunda esse livro me causou. *Os Ratos* serão mais perfeitos como unidade, equilíbrio, concepção, nenhum desperdício. Mas *O Louco do Cati* morde e marca, preciso reler. E durante toda a leitura dos *Ratos*, a verdade crua deste livro tinha saudades da outra verdade, daquela que fica se perguntando a si mesma se realmente existe. A saudade não matou *Os Ratos* é certo, mas agora sei que vou reler *O Louco do Cati*. E aproveito pra lhe agradecer também a inquietação em que vou ficar, a espécie de dor que vou ter.

Com um abraço do

MÁRIO DE ANDRADE.

## A MANSUETO BERNARDI

S. Paulo, 24 – XI – 1944.

Meu caro Mansueto Bernardi.

Chegando de Minas, encontrei aqui em casa o seu forte estudo sobre a poesia de Eduardo Guimaraens. Aliás, já em Belo Horizonte, eu encontrara o eco insistente do seu livro, na voz de Henriqueta Lisboa e Alphonsus de Guimaraens Filho, que estavam ambos muito impressionados com o poeta que Você nos desvendava. Na verdade, desvendava. O seu estudo é pra muitos de nós uma prática de humilhação. Cheguei a praticar um gesto infantil depois que o li: procurei no meu fichário o nome de Eduardo Guimaraens, na esperança envergonhada de possuir os livros dele na minha biblioteca. E não tinha mesmo. Felizmente não tinha, porque ainda seria mais vergonhoso ter lido um dia e não ter percebido o poeta de tantos versos admiráveis.

Só tinha, e isso eu sabia e nunca me esqueci, a tradução de Dante, que Freitas Vale me deu. Nunca me esqueci e sabia ser esplêndida. O resto da ingratidão, meu Deus!, é a vida. O turbilhão modernista provocou mesmo ingratidões e deslumbramentos, digo esquecimentos. Me enganei de palavra aqui, porque já estava pensando em “deslumbramentos”. Como este que você nos deu, desvendando a poesia de Eduardo Guimaraens.

No gosto do verso alexandrino em português. Estou convencido que não é da índole da nossa língua, nem se a faz ao ritmo do nosso jeito de pensar, embora os brasileiros o tenham aprimorado muito mais que os portugueses. Nisso, nem Eduardo Guimaraens me convence do contrário. Mas entrego os pontos diante do alexandrino dele. São dos mais legítimos versos, e mais poéticos, que já se escreveu nesta nossa língua.

Agora hei-de “perseguir” o poeta na republicação dos seus versos. Muito obrigado pela oferta e pela revelação.

Com o melhor afeto,

*MÁRIO DE ANDRADE*

*Recebido em 08 de fevereiro de 1989.*